



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

O QUE É QUE LEVA UM CIENTISTA A ESCREVER?

Pode nem sempre ser assim, mas a curiosidade e a criatividade são quase sempre pontos de partida tanto para cientistas como para escritores.

Na crónica anterior, tentei responder a uma das perguntas que me fazem com maior frequência: “Por que escreve?” Hoje tentarei responder a outra que costuma acompanhar a primeira: “O que é que leva um cientista a escrever?”

Sempre houve escritores cuja formação era essencialmente científica: C.P. Snow, Arthur C. Clarke, Isaac Asimov ou o italiano Paolo Giordano, autor de *A Solidão dos Números Primos*. Também temos em Portugal vários exemplos: Rómulo de Carvalho, Jorge de Sena ou o nosso contemporâneo João Ricardo Pedro, aos quais podemos juntar diversos médicos que se dedicaram à literatura: Fernando Namora, Miguel Torga e António Lobo Antunes, entre muitos outros.

Qual será, então, a ligação entre as ciências e a prática das letras? Haverá alguma ou trata-se apenas de um acidente estatístico? Não posso responder por todos, mas tenho as minhas teorias.

Em primeiro lugar, a curiosidade, sim, tão simples quanto isso. Ninguém se interessa pela ciência se não possuir uma grande e insaciável dose de curiosidade: para que serve? De onde vem? De que é feito? O que é que acontece depois? São estas algumas das perguntas, dir-se-ia quase infantis, que nos levam até à matemática, à física, à química, à biologia e a todas as outras ciências. Perguntar pelo prazer de perguntar, de perseguir uma resposta que talvez já tenha sido produzida ou que teremos de buscar por nós. Esse instinto, o de levantar a cortina da realidade para lhe conhecer os bastidores, é o mesmo que leva alguém a escrever um romance ou um poema. Por que somos como so-

mos? Por que amamos? Por que lutamos? Por que ficamos tristes ou alegres? O que é que desejamos no nosso íntimo?

Vi sempre a ficção como um laboratório da condição humana – inventem-se personagens e uma trama, algumas tensões e desejos, e logo veremos o que acontece, como se comportam, que caminhos trilham para obterem os seus resultados. Qualquer grande obra nos ensina um pouco mais sobre o que é isto de se ser humano. Ao lermos Dante, Camões, Cervantes ou Shakespeare aprendemos muito sobre os outros e sobre nós mesmos, o que nos une e o que nos aparta. Nenhuma verdade é absoluta, porém, como na ciência, e está sempre sujeita ao teste do tempo e à aprovação dos pares.

O outro grande ponto de contacto entre ciência e literatura é a criatividade, pois ambas se fazem com ela. Não por acaso, todos os grandes cientistas que conheci eram leitores ávidos de ficção, e começaram muito cedo, enquanto crianças. As leituras que vamos fazendo obrigam-nos a “pensar com a cabeça de outra pessoa”, a imaginar cenários, fisionomias, cenas de ação, paisagens e até outras civilizações e seres que não existem senão na mente de quem as escreveu e nas mentes de quem as lê. Mais do que o cinema, o teatro ou os jogos de computador, onde tudo está já diante dos nossos olhos, um livro só é eficaz se o leitor aceitar participar com a sua imaginação e conseguir completar as propostas do autor usando as suas próprias capacidades criativas. Afinal, é sempre a mesma brincadeira infantil, tão simples e tão complexa, tão essencial para quem quer viver num jogo permanente de perguntas e respostas.